

“*I HAVE A DREAM*”: é no sonho das crianças que se constrói a
educação popular

“*I HAVE A DREAM*”: it is in children’s dreams that popular
education is built

Ana Maria da Silva de Jesus
Universidade Federal da Bahia

Juliana Santos de Santana
Faculdade Unyleya

Resumo: O presente trabalho tem como proposta discutir, a partir da obra *Pedagogia do Oprimido do Patrono da Educação brasileira*, Paulo Freire (1983), o lugar da educação infantil popular a partir da reestruturação dos espaços formais de educação, apontando também os espaços não-formais de práticas educativas que constituem o escopo educacional de comunidades e favelas. As escolas massificadas retiram do professor a capacidade de ser pensante, compram sistemas educacionais prontos, mercantilizam a educação, logo, a metodologia de Freire é libertadora ao ponto de devolver e potencializar a sede por (r)evolução. Este artigo expõe a realidade brasileira e os efeitos problemáticos que educadores, educandos e a sociedade comungam. Contribui também, significativamente, com a noção e grau de importância do diálogo dentro do ambiente de aprendizagem. Visto que, quanto mais interdisciplinar e subjetivo é o ensino, mais democrática é a educação. Através de uma curadoria envolvendo conteúdo artístico, audiovisual, e outros autores, essa revisão bibliográfica visa apontar como as contribuições freireanas são importantíssimas na construção de práticas educacionais equânimes, que promovem a reflexão e o despertar dos indivíduos dentro da relação opressor-oprimido.

Palavras-chave: Educação Popular. Paulo Freire. Educação Infantil.

Abstract: The present work proposes to discuss, from the work *Pedagogy of the Oppressed by the Patron of Brazilian Education*, Paulo Freire (1983), the place of popular early childhood education based on the restructuring of formal educational spaces, also pointing out the non-formal spaces of educational practices that constitute the educational scope of communities and favelas. Mass schools deprive the teacher of the ability to think, buy ready-made educational systems, market education, therefore, Freire's methodology is liberating to the point of giving back and potentiating the thirst for (r)evolution. This article exposes the Brazilian reality and the problematic effects that educators, students and society share. It also contributes significantly to the notion and degree of importance of dialogue within the learning environment. Since, the more interdisciplinary and subjective the teaching, the more democratic the education. Through a curatorship involving artistic content, audiovisual, and other authors, this bibliographical review aims to point out how Freirean contributions are extremely important in the construction of equitable educational practices, which promote reflection and awakening of individuals within the oppressor-oppressed relationship.

Keywords: Popular Education. Paulo Freire. Child Education.

1 INTRODUÇÃO

Um dos autores mais citados nas pesquisas científicas da área de educação, Paulo Freire (1983), em *Pedagogia do Oprimido*, explicita como a educação é a ferramenta empoderadora dos sujeitos da relação opressor-oprimido, estabelecida na sociedade capitalista. Compreender as tensões sociais que se desenrolam a partir da divisão social da sociedade é compreender para quem é destinado o material produzido por Freire, a fim de questionar o que havia postulado sobre educação e como essa estrutura negligenciava a educação das camadas populares, dos jovens adultos e outros grupos que não alcançavam o lugar do aluno construído no imaginário virtual dos projetos políticos e pedagógicos das instituições escolares formais e informais.

O livro supracitado trata a educação como mecanismo útil para romper a condição socialmente imposta de oprimido sobre a camada da população com menor ou nenhum acesso aos espaços educacionais, contrapondo a ideia de que a educação é única e padronizada, e rompendo com os modelos bancários estabelecidos e institucionalizados, Freire (1972) aponta metodologicamente como o oprimido pode sair dessa condição e como o opressor precisa se reconhecer dentro dessa relação para romper com a estrutura. “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor” (FREIRE, 1972, 33.). O mecanismo principal da obra, considerado emancipador pelo autor, é a liberdade - é através da libertação que os sujeitos se tornam agentes transformadores de suas subjetividades e do meio em que vivem. Apontando dentro dessa visão de educação um cenário de transformação social construída pelas mãos de quem forma a base dessa sociedade. Além de pessoas que leem e escrevem, o objetivo da educação emancipadora é promover autonomia, ruptura das amarras de opressão e consciência política.

Quando se trata de romper com a mecanização da educação e a necessidade de aproximar as pessoas dos ambientes formais de educação, a formação docente é peça fundamental. Vislumbrar currículos e propostas educacionais no ensino superior dos cursos de licenciatura que potencializam a construção de novas relações de ensino aprendizagem, focando na dialogicidade, com o mínimo possível da visão mercadológica e técnica, parece um cenário utópico. De nada adianta um currículo que discute pedagogia histórico-crítica, a teoria social marxista, sem a reflexão sobre a escola reprodutivista, bancária, engessada e quadrada. A construção física e ideológica das escolas afasta certos grupos sociais, pois é construída em uma perspectiva eurocêntrica, aprisionante, sem refletir sobre as ideias libertadoras tão populares do pensamento freiriano.

A educação emancipadora é contra o conformismo. Ela é o meio transformador de vidas. É papel do profissional de educação incentivar o pensar, questionar e buscar conhecimento, dando autonomia aos sujeitos de construir a sua ação pautada na reflexão e agência; a falta de problematização da vida e da ação de viver em sociedade, a prática conteudista, a ausência de diálogo com a vida real são fatores que corroboram com a evasão escolar. Segundo Freire, a libertação social é uma atitude conjunta: a consciência transformadora, para gerar efeitos nas lógicas sociais, deve ocorrer em níveis para além do individual.

2 FREIRE E INFÂNCIA

A contradição e a redução da contradição, em que o indivíduo se enxerga no lugar de opressor ou oprimido e adquire neste momento a consciência social necessária para encontrar a liberdade precisa ocorrer nas duas vias: o opressor entender o seu lugar e transformá-lo, e o oprimido saindo dessa relação sem tornar-se opressor de outros.

Quando se tira da criança a possibilidade de conhecer este ou aquele aspecto da realidade, na verdade se está alienando-a da sua capacidade de construir seu conhecimento. Porque o ato de conhecer é tão vital como comer ou dormir, e eu não posso comer ou dormir por alguém. A escola em geral tem esta prática, a de que o conhecimento pode ser doado, impedindo a criança e, também, os professores o construíam. Só assim a busca pelo conhecimento não é preparação para nada, e sim VIDA, aqui e agora. E é esta vida que precisa ser resgatada pela escola. Muito temos que caminhar para isso, mas é no hoje que vamos viabilizando esse sonho de amanhã (FREIRE, 1983, p.15).

Freire versava sobre a educação infantil, mesmo sem ser considerado um estudioso da área, mais popularmente conhecido por sua influência metodológica e teórica nas práticas educacionais para adultos como pesquisadoras de sua vasta literatura “vemos a oportunidade de utilizar seu referencial na teorização da educação infantil, no que tange a leitura do mundo, a curiosidade ao cercar o conhecimento e o mundo, e as tarefas do educador” (PRESTES; RODRIGUES, 2018, p. 05).

A educação brasileira, apesar da grande referência deixada por Paulo Freire, reproduz ideologias de marginalização, banalização e desigualdade – sendo estas características, reflexo da sociedade em que vivemos. Para deslocar o eixo desse sistema, é preciso a construção de políticas públicas, que costumam responder a pesquisas científicas produzidas nas academias brasileiras, que por sua vez analisam a sociedade, que continua demandando das políticas públicas – um ciclo ininterrupto e lento que resulta no sucateamento das instituições formais de educação. No atual cenário de desvalorização dos espaços em que se produz ciência no país, a manutenção desse fluxo, já lento, de transformação social e reconstrução dos modelos educacionais se torna ainda mais pobre e distante.

O ato de educar com diálogo, é muito mais importante do que apenas, depositar conhecimentos para os alunos para que eles “decorem” e não “absorvam” a matéria. A ideia de que o professor sabe e ensina, e de que o aluno não sabe e aprende está ultrapassada. As relações numerosas que se dão nos espaços educacionais desmistificam a ideia de transmissão de conhecimento a partir do momento que se entende que a criança não é uma caixa vazia. A criança não está na sala de aula, com a cabeça funcionando com uma tela em branco esperando que o professor pinte. Ninguém é uma tela em branco. E são as subjetividades das crianças que tornam a relação dialógica ainda mais interessante, porque o estímulo do professor desencadeia uma série de pensamentos e conhecimentos que as crianças obtiveram em qualquer que seja o meio de influência.

Vygotsky apontou que “o meio, no sentido imediato dessa palavra, modifica-se para a criança a cada faixa etária” (VYGOTSKY, 1935/2010, p. 38), ou seja, o desenvolvimento

caminha lado a lado com o meio. A partir da mediação de conhecimento, os educadores aumentam as possibilidades de mudanças ao estimular opiniões, habilidades e a inteligência propriamente dita. É por meio da educação que construímos a história em uma relação verdadeira de reciprocidade. Portanto, não é suficiente entender e praticar a influência no desenvolvimento da criança, é fundamental saber e interpretar do que se trata a sua realidade, a sua vivência.

O nosso honrado Patrono da Educação enxerga a escola como um centro estimulador de inteligências, espaço de troca e da dodiscência, afinal, o educador sempre será um eterno aprendiz. O ingrediente fundamental para a democratização da educação nada mais é que sonhar. Sonhar para permanecer acreditando, para fazer acontecer o extraordinário, para escapar das bolhas, para expandir e distribuir esperança e conhecimento. Sonhar além do meio em que vivemos. Sonhar feito criança - não há verdade maior que essa.

Para compreender Freire e a aplicação dos conhecimentos produzidos por ele, é preciso compreender a luta de classes, e a visão social de criança e infância. Tendo criança como “menino ou menina que está no período da infância, entre o nascimento e a puberdade”. (FERREIRA, 2010, 56). Ainda o dicionário Aurélio de língua portuguesa (2010) define como infância “Período da vida, no ser humano, que vai desde o nascimento até o início da adolescência”, compreendida no Estatuto da Criança e do Adolescente como a fase entre 0 e 12 anos.

Essas definições formais não dialogam necessariamente com a visão pedagógica de criança, e infância - tão pouco com o conceito que seria possível alcançar se tentássemos definir o que é criança e infância sob a perspectiva delas próprias em determinado contexto social. Os conceitos são produzidos, normalmente, pelos sujeitos detentores de poder, que não costumam definir-se por acreditar que fazem parte do centro de tudo: o padrão cívico e moral não se caracteriza ou se rotula, mas apresenta-se no lugar de direito de rotular àquele que é alheio ao lugar de onde fala. O conceito de criança evoluiu bastante ao longo do tempo, passando de ser encarado como um pequeno adulto, até ser compreendida como uma fase do desenvolvimento com suas especificidades cognitivas, motoras e emocionais.

3 EDUCAÇÃO SOCIAL-POPULAR E O CHÃO DA ESCOLA

Se eu pudesse, eu dava um toque em meu destino / Não seria um peregrino nesse imenso mundo cão / E nem um bom menino que vendeu limão / E trabalho na feira pra comprar seu pão (...) / Não aprendia as maldades que essa vida tem / Mataria a minha fome sem ter que roubar ninguém / Juro que eu não conhecia a famosa FUNABEM / Onde foi minha morada desde os tempos de neném / É ruim acordar de madrugada pra vender bala no trem / Se eu pudesse, eu tocava em meu destino / Hoje eu seria alguém. (FERNANDINHO; GUARÁ, 2005).

Quando Seu Jorge interpreta a canção Problema Social, cantando pra nós: “se eu pudesse eu não seria um problema social”, afirma coisas importantes de debater neste espaço. Em primeiro lugar: o sujeito reconhece ou compreende o conceito de problema social, segundo: essa compreensão causa desconforto no sujeito que vê em si uma questão sem resolução. A construção da ideia de que as crianças faveladas/periféricas são um problema é um discurso que alcança inclusive os espaços escolares.

Por que a figura e atuação do **professor é podada pelo sistema?** E a resposta é simples: o sistema objetiva produzir sujeitos sociais alienados, que não se voltaram contra a lógica opressora do sistema. Sujeitos reflexivos (e ousos aqui chamá-los de dialógicos) são ativos e reconhecem seu papel agente transformador – buscando desconstruir as tensões e as relações de poder da sociedade; quebrando os ideais de hierarquia e pautando a necessidade de uma mudança. O sistema deseja sujeitos conscientemente inativos de crítica, para continuarem tecendo com a força da mão de obra popular, os fios de ouro que alimentam seus bolsos e constroem a lógica opressora do sistema capitalista.

Uma geração que diz não ao retrocesso, que conhece dos seus direitos e passa todo seu conhecimento adiante está preparada, verdadeiramente, para resolver problemas e revolucionar espaços. A educação tem a responsabilidade de preparar gerações para lidar com os entraves do agora e com as possíveis consequências do futuro. Logo, dentro do espaço de aprendizagem é indispensável o despertar da consciência assim como, estratégias que reconheçam as individualidades, mas também propaga a importância do coletivo.

O diálogo é a ferramenta mais importante no processo de alfabetização e formação de indivíduos. Por meio do diálogo podemos despertar ideias inovadoras, incentivar, informar, (des)construir. O diálogo é sinônimo de progresso. Paulo Freire acentua em seus escritos a importância de dialogar e elucidar os oprimidos, ao aguçar a consciência, desfazer ideologias ignorantes (que muitas vezes são ingênuas também). Assim, o comportamento dialógico deve existir nos processos educacionais, uma vez que os oprimidos sejam incentivados a reescrever a história e principalmente a entender como ocorre a dominação pois, ao garantir conhecimento, o sujeito garante também poder de transformação do meio.

O sistema capitalista nos arranca dia a dia a vontade de melhorar. A padronização e produção de sujeitos dispostos a trabalhar para viver e viver para trabalhar, permitem que sejamos apenas massa de manobra, nada além. E esta é a tática “infalível” do sistema: diminuir cada vez mais os questionamentos, as reivindicações e aumentar a manipulação, da mesma maneira que a desigualdade, a miséria e outras tantas problemáticas. A metodologia freiriana percebe a educação “[...] Para além da proposta curricular e do entendimento de educação como preparadora de recursos humanos para a indústria e modernização da agropecuária”, mas sim, “[...] a concepção de educação como formadora da consciência nacional e instrumentalizadora de profundas transformações político-sociais na sociedade brasileira, como possibilidade de emancipação humana”. (BRANDÃO e FAGUNDES, 2016).

Educação popular é a que, substantivamente democrática, jamais separa do ensino dos conteúdos o desvelamento da realidade. É a que estimula a presença organizada das classes sociais populares na luta em favor da transformação democrática da sociedade, no sentido da superação das injustiças sociais [...] critica também a natureza autoritária e exploradora do capitalismo (Freire, 2007, p. 103-105).

4 VIVÊNCIAS DOS ESPAÇOS INFORMAIS DE EDUCAÇÃO

A Sociedade Irmão Solidários (SIS) fica localizada no Subúrbio Ferroviário de Salvador (BA). Com cerca de 100 alunos matriculados na instituição, a ONG funciona como um

espaço complementar ao ambiente escolar. Construída historicamente das necessidades da comunidade de São Bartolomeu, a instituição foi fundada com o objetivo de fornecer formação complementar as mães da localidade, com cursos técnicos formativos em diversas práticas artesanais, apresentando-as a possibilidade da complementação de renda ou do trabalho autônomo como microempreendedoras. Com cursos de corte e costura, pintura em tecido, bordado, confecção de papel reciclado, entre outros, a instituição se viu diante de uma carência comum e recorrente: devido a periculosidade da comunidade, as mães desistem dos cursos por não ter com quem deixar seus filhos.

É nesse momento que a SIS muda a sua perspectiva, anteriormente sediada no centro histórico de Salvador, muda a sua sede para dentro da comunidade e consolida-se como espaço de Reforço Escolar, como alternativa complementar - como exigências, todas as crianças devem estar matriculadas em unidades escolares formais. As educadoras que realizam o trabalho na instituição também são mulheres e/ou mães da comunidade, assim como a equipe de assistência educacional e apoio nos serviços gerais. Para além do espaço de educação, as crianças encontram na ONG uma refeição por turno, e são presenteados nos feriados de Dia das Crianças e Natal por associados voluntários.

Descrever essa instituição nesse espaço de discussão científica é importante para apontar alguns pontos da educação social/popular defendida por Paulo Freire: as instituições não governamentais são as maiores fornecedoras de educação em ambientes informais, assim como as instituições religiosas.

A educação emerge da consciência e do trabalho de educar, da categoria do sujeito, da convivência de um com o outro, do saber que é compartilhado, como uma ação de quem sabe-faz, para quem não sabe-e-aprende com sua multiplicidade. É desta forma que a educação acontecia nas aldeias e tribos; as crianças aprendiam com o ver e ouvir dos adultos que as acompanhavam, este era o papel dos anciões que aprenderam com as gerações anteriores. De forma análoga acontece a educação em outros espaços sagrados confessionais, nas Comunidades de Terreiros de Candomblé. Os saberes são compartilhados gradativamente a cada passo dentro dos princípios que orientam cada comunidade. Assim como a escola as Comunidades de Terreiro de Candomblé são espaços sócio-culturais, em que se percebe o compromisso de acabar ou no mínimo diminuir as desigualdades, desta forma a educação nos terreiros de candomblé vem buscar um repertório educacional que caminhe em direção a um conceito de ser humano que produz história não a partir de grandes sagas e heróis, mas a partir de relações comunitárias vividas e vivenciadas pelos grupamentos humanos. O estudo sobre religião é fundamental, pois mesmo com o processo de secularização pelo qual estamos passando, ela continua sendo uma das bases importantes para a (re)construção sociocultural da identidade do povo brasileiro. (TEIXEIRA e VIEIRA, 2018, 12).

Essas instituições têm papel fundamental no cumprimento do propósito da educação: constroem novas possibilidades, apresentam outras cosmovisões para além das padronizadas, potencializam vivências e abrilhantam as histórias de pessoas deixadas sempre à margem dos processos político-sociais e educacionais. A tomada de consciência política, enquanto seres sociais transformadores do mundo - muitas vezes só chega às comunidades periféricas, suburbanas e/ou de favelas através das instituições de caridade, os espaços de acolhimentos, as ONGs e estruturas da própria comunidade como o trabalho da CUFA (Central Única das Favelas), por exemplo.

Freire destaca que a articulação orientada dos grupos, o diálogo, a união, a organização e o intercâmbio de culturas que levariam a compreensão das problemáticas desses grupos é a resposta ideal para desconstruir o lugar de oprimido, que normalmente é imposto pela sociedade, aquelas pessoas que vivem nas periferias, favelas e comunidades à margem do centro urbano; pessoas de baixa escolaridade, ou baixa qualificação profissional; e até idosos – que para a sociedade capitalista são considerados “inválidos” por não servirem como mão de obra qualificada.

5 ALIENAÇÃO É LIVRAMENTO?

Nós queremos mesmo ser transformadores do sistema? Ou é mais fácil ser alienado?

E sim, é mais fácil ser alienado – mas foram outros agentes transformadores que possibilitaram que chegássemos aonde estamos hoje. Freire, foi um agente transformador. Refletiu sobre a prática pedagógica e construiu um referencial novo. Sem os transformadores, ainda viveríamos em uma sociedade escravista baseada no mito. Esse movimento de refletir, repensar e reformular padrões é que constrói uma sociedade mais justa e equânime (e ainda assim não somos muito bons nisso também). Ser ignorante é quase uma bênção no país em que vivemos, mas também é uma maldição que nos coloca no lugar de oprimidos e nos faz crer que este é o nosso lugar.

A ignorância é que nos impossibilita compreender o que faz o “problema social” ser considerado um problema. Sob as perspectivas de quem são pautadas as definições de problema para a sociedade ou para manutenção da conjuntura social? Não apenas reconhecer o problema, mas atentar-se às raízes do mesmo onde as tensões ocorrem devido às relações de poder que estruturam a sociedade capitalista. A informação pode ser um condicionante da saúde mental para quem desperta do lugar de oprimido, e na tomada de consciência social encara uma agenda de lutas raciais, de gênero, de identidade sexual, de classes e de tantas esferas que compõem as relações de dominação.

E então, **como se caracteriza um opressor?** E essa pergunta exige, segundo a ótica freiriana, reflexões marxistas. Freire (1983) aponta as relações de poder e as tensões sociais como determinantes de quem ocupa os lugares de opressor e oprimido (e a luta de classes ilustra isso muito bem). Nem sempre opressor e oprimido reconhecem o lugar que ocupam, mas às vezes reconhecem e se estabilizam por comodidade e as questões que pontuamos no tópico acima. O que diferencia o opressor do oprimido? No caso, seriam as condições de privilégio de acesso a diversos setores: saúde, educação, lazer, cultura e até saneamento básico. Isso tudo em perspectiva social. Dentro de uma sala de aula, mesmo que o professor ocupe o lugar de opressor, os privilégios giram em torno da punição com notas e avaliações que não medem o verdadeiro e efetivo resultado da educação na prática.

A educação é pautada, no sistema regular de ensino padronizado e bancário, como dominante - ou opressor - onde seus códigos precisam ser dominados, mesmo sem que haja acessibilidade para tal. O professor, assumindo a representação máxima de educador, reforça essa tensão com o sistema de cobranças e remunerações: àquele que alcança as metas

traçadas, as notas altas e a aprovação para o ano seguinte, sem refletir, sem questionar, apenas reproduzindo aquilo que lhe é “ensinado” como uma espécie de doutrinação baseada em “eu falo e você ouve” ou “eu ensino e você absorve”.

A racionalidade é um prêmio, e também uma lástima, mas compreender os entraves das relações que ocorrem no espaço escolar, possibilitam à criança compreender como se tornar autônomo. A Base Nacional Comum Curricular tem em suas exigências o compromisso de colocar a criança no centro da aprendizagem, sendo protagonista das relações de aprendizagem (BRASIL, 2018). O foco não está no livro, na lousa/quadro, ou no profissional de educação.

O ambiente de aprendizagem não pode ser reduzido apenas a uma lousa e cadeiras organizadas em filas. Muito menos a discursos que igualam os educandos como se todos estivessem dentro da mesma realidade e o objetivo da escola seria padronizá-los - desde o fardamento ao pensamento e comportamento. O sistema de ensino pautado em criminalizar toda e qualquer opinião contrária, veste a fantasia de verdade absoluta e dissemina os julgamentos e preconceitos. Assim, permanecemos vivendo no século XXI, preparando crianças para o século XX.

Freire (1983) enfatiza que os oprimidos e opressores são vítimas da mesma inconsciência; em que a tomada de consciência se dá gradualmente. Em resumo, Freire elabora em suas produções estratégias pedagógicas pelas quais o docente deve se voltar para o processo educacional que ocorre através de uma transformação social no contexto de dominação.

6 ESTRELAS POTENCIAIS

Pautar a pedagogia descrita por Freire nos espaços de educação infantil com suas devidas reflexões possibilita a construção de sujeitos brilhantes, que compreendem as relações que ocorrem ao seu redor, obviamente sem a distinção do que é político-social, mas compreendendo quando envolvido em uma relação opressor-oprimido. Uma educação libertadora olha para a criança com atenção e afeto, ele não é apenas um ser que será socializado, mas um indivíduo com subjetividade que apresenta ao mundo sua bagagem e absorve do mundo tantas outras informações.

Construir ambientes educacionais como a escola dos filmes *Como Estrelas na Terra* (2007) e *Sociedade dos Poetas Mortos* (1989) e que as dificuldades das crianças sejam ultrapassadas com iniciativa e desconstrução do padrão estabelecido de educação, abusando da criatividade docente para promover o acesso da criança ao conhecimento, ou potencializando existências que foram engessadas pelo sistema, onde as relações de opressão sobrepuseram suas potencialidades.

Somente uma pedagogia humanista poderá alcançar a libertação pedagógica, unindo teoria e prática, onde ninguém tentará se sobrepor ao outro. Construindo um espaço educacional equânime, ocorre a ruptura das relações em que o opressor, se fazendo passar por generoso, constrói a desumanização, logo, somente quando os oprimidos se reconhecerem como *reprodutores permanentes* é que serão capazes de romper com essa lógica e alcançar a realidade do saber.

Quando analisamos os espaços formais de educação, podemos notar os quatro elementos da dominação, que por sua vez impedem a educação de efetivar o seu objetivo de transformar. O docente ocupando o lugar de dominador entende que para alcançar o respeito e a atenção dos alunos precisa levar a eles (na condição de oprimido) a ideia de que eles precisam dessa relação de opressão, afim de controlar o comportamento e o lugar de fala dentro da sala de aula. O professor passa a ideia de essencial para aluno, colocando sempre o discurso da educação salvadora, e através da conquista – com discursos meritocráticos – manipulando até aqueles que poderiam despertar da condição de oprimido.

O que Freire (1983) pontua sobre as tensões sociais cabem exatamente nas relações que se dão no espaço escolar “o homem não deve confundir-se com seu papel na liderança, impondo seu ponto de vista, mas sim levando a verdadeira palavra, para que somente assim seja realizada a possibilidade de uma renovação social” (p. 58). O profissional de educação não precisa impor sua verdade, ou apresentar determinado conhecimento como a única verdade, assim como as verdades científicas são transitórias, as concepções de mundo também são, e as crianças e adolescentes podem e devem ter liberdade de questioná-las; liberdade esta que às vezes não encontram em seus espaços familiares por questões ideológicas, de moral, ou religiosas.

O documentário *Quando Sinto Que Já Sei* (2014), idealizado por Antonio Sagrado Lovato, questiona a resistência por mudanças no sistema educacional, principalmente, em relação à comunicação e relevância escola-sociedade. A obra contempla opiniões de especialistas em educação, depoimentos de pais e alunos sobre novas práticas pedagógicas que ensinam de forma prazerosa, democrática e interdisciplinar. Prova também, que o diálogo em ambientes de aprendizagem (tão bem defendido por Freire), funciona efetivamente e contribui para a transformação do meio pois, os educandos têm as suas habilidades e inteligências potencializadas assim como, o educador expande seu conhecimento ao adotar estratégias que proporcionam a didiscência.

Quando Sinto Que Já Sei mostra experiências diversas de escolas que possuem políticas completamente diferentes do ensino tradicional e retrata a importância de valorizar a subjetividade do sujeito. O educador e antropólogo Tião Rocha do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, compara o sistema educacional tradicional com um “serviço militar obrigatório”, afinal, possuem exigências que ignoram a diversidade étnica-cultural assim como a desigualdade social em que o nosso país está inserido. Tião afirma que crianças, ao entrar na escola, não são uma página em branco pois, elas crescem em determinado meio e possuem vontade própria ou seja, pertencem a uma cultura e possuem repertório suficiente para contribuir com a aprendizagem do outro (e isso inclui o educador).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sujeito precisa ser um agente social para transformar a lógica do meio onde vive. Para tal, é preciso que reflita e compreenda seu papel transformador. A educação tem esse papel, de produzir para a sociedade seres reflexivos (pensantes) e ativos (agentes), que a partir do diálogo busque sair do lugar de oprimido e levar o opressor a reflexão sobre uma lógica

social que não seja hierárquica e autoritária. A formação docente precisa pautar esses conhecimentos, a fim de construir um profissional consciente da necessidade de conduzir práticas pedagógicas que se desvencilhe das concepções bancárias de educação.

Desde os pequenos aos grandes problemas estruturais que estão agarrados à história da sociedade, a solução e também propostas para minimizar os impactos causados por eles está na educação. Ao educar encorajamos o outro a plantar esperança, ao educar distribuimos lucidez e amor em constância. Tudo gira em torno da educação. Defendê-la muitas vezes nos custa a vida, mas não há nada mais belo que despertar o melhor em alguém e descobrir novos universos. Não há nada mais potente do que lutar contra políticas de dominação.

Em contrapartida à dominação está a ação dialógica, que possibilita que grupos sociais se articulem para sair da condição de oprimidos. A colaboração, a união, a organização e a síntese cultural são elementos que possibilitam o diálogo, o entrosamento de grandes grupos, a compreensão e articulação das ações conscientes e a possibilidade de libertação. Sendo estes também elementos que podem e devem ser trabalhados na educação infantil, afim de garantir às crianças potencialização de suas individualidade e consciência coletiva. E em uma perspectiva utópica aproximar os espaços formais de educação com os objetivos da educação social – que costumam ocorrer em espaços não formais de educação e que visam promover a qualidade de vida de grupos específicos, normalmente minorias representativas e regiões onde o acesso a condições humanas de vida e sobrevivência é precário.

A alusão que o título desse trabalho traz o aclamado discurso de Martin Luther King (1983): *I have a dream*, se deve ao lugar utópico que para nós, estudantes, pesquisadoras e futuras profissionais de educação, ocupa a construção de uma educação que respeite o povo a quem se dirige. A libertação que buscamos é para as práticas educacionais que centralizem o que realmente é importante: a potencialização dos sujeitos; que promova acesso; que seja equânime e que alcance seu potencial transformador e libertador. Se existe um sonho que é sonhado por nomes que pretendem construir espaços dialógicos de educação, é que as visões de criança e infância se transformem e modifiquem diante de cada criança, que haja liberdade para que elas sejam, e que existam referências para que elas se espelhem em ser.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; FAGUNDES, Mário César Vitória. **Cultura popular e educação popular: expressões da proposta freireana para um sistema de educação**. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/KmYHVqgFMPBfJTjXsRjFFvc/?lang=pt#> Acesso em: 8 out. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- FERNANDINHO; GUARÁ. **Problema Social**. Álbum Ana & Jorge - Ao Vivo, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Editora Positivo, 5º edição, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, 17ª edição, 23ª Reimpressão, Rio de Janeiro, 1983.

KHAN, Amir; GUPTE, Amole. **Taare Zameen Par (Como Estrelas na Terra)**. Índia, dez. 2007.

LOVATO, Antônio Sagrado. **Quando eu sinto que já sei**. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HX6P6P3x1Qg> Acesso em 8 out. 2021.

MACHADO, Ana Maria Batista; SILVA, Andrêsa Melo; TOLENTINO, Graziela Mônica Pereira. **Paulo Freire e a Educação Popular na história do Serviço Social brasileiro (1980-2010)**. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/64sQhQzqsnnwBh5zRntwwxp/?lang=pt> Acesso em 8 out. 2021.

PADILHA, Paulo Roberto. **Pensadores na Educação: Paulo Freire e a educação para mudar o mundo**. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4M69rga5ENo> Acesso em 4 out. 2021.

PINO, Angel. **A criança e seu meio: contribuição de Vigotski ao desenvolvimento da criança e à sua educação**. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/rn7G9MgGqBsMsMZd3h9xWjJ/?lang=pt#> Acesso em 4 out. 2021.

PRESTES, Carina da Silva; RODRIGUES, Ana Cristina da S. **Aproximando Freire da educação infantil**. FACCAT, 2018. Disponível em: https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/prestes_rodriques.pdf Acesso em: 28 set. 2021.

TEIXEIRA, Jéssica S. S.; VIEIRA, Roberto Carlos. Candomblé e Educação não-formal: a dinâmica da formação litúrgica em ambientes sagrados, a partir da contribuição da mulher negra, para reafirmação da identidade negra. **ANAIS – 21ª SEMOC**, Salvador, p.1475-93, out. 2018. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/1163/1/Candombl%C3%A9%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o%20n%C3%A3o%20formal.pdf> Acesso em: 23 set. 2021.

WEIR, Peter. **Sociedade dos Poetas Mortos**. Walt Disney Studios, dez. 1989.